

Os valores afro-civilizatórios e o etnoturismo no Quilombo de Caiana dos Crioulos (PB): caminhos na educação para relações étnico-raciais

Marina Prado Santiago¹

Resumo

O coco de roda e a ciranda são expressões de grande destaque na Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos, localizada na zona rural do município de Alagoa Grande, a cerca de 122 km da capital paraibana, João Pessoa - atraindo tanto visitantes quanto pesquisadores acadêmicos. Em busca de promover a valorização étnica e gerar renda, as mulheres de Caiana criaram o projeto de turismo "Vivenciando Caiana", iniciado em 2016. O projeto recebe visitantes interessados em conhecer a cultura Quilombola através de atividades de lazer e cultura, realizadas ao longo do ano. Acompanhando por cerca de três anos o projeto (2021-2023), participando de suas reuniões e realizando entrevistas com as pessoas envolvidas, sejam os autóctones ou visitantes, noto que a proposta firma-se como uma possibilidade de educação para relações étnico-raciais, promovendo diálogos que confluem com os valores civilizatórios afro-brasileiros, ao mesmo tempo que propicia fortalecer a rede de aliados em defesa dos direitos Quilombolas e da equidade racial.

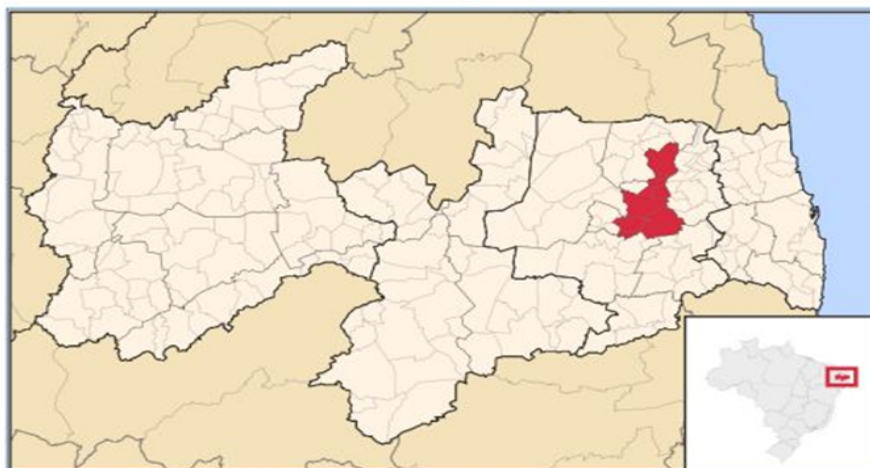
Palavras-Chave: Enoturismo; Quilombos; Relações étnico-raciais.

1. Introdução

A Comunidade negra rural de Caiana dos Crioulos está localizada a cerca de 14km do centro urbano do município de Alagoa Grande, no Brejo paraibano. Em uma amplo território com cerca de 646,5873 hectares, entre aclives e declives acentuados, recortado por suas veredas que em sua grande maioria só podem ser percorridas por moto ou a pé, Caiana é habitada por cerca de 130 famílias que vivem em casas com seus roçados de fava, feijão, milho, entre outros cultivos. Foi o 13º Quilombo reconhecido no Brasil pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 2005. A Comunidade conseguiu a posse do seu território apenas em 2020, após um longo processo de legitimação e titulação de seus direitos, recebendo o documento definitivo em 2024.

Figura 01 - Localização do Brejo paraibano

¹ Mestre em Antropologia Social; Universidade Federal da Paraíba – PPGA; João Pessoa, Paraíba – Brasil; e-mail: slowhostel18@gmail.com



Fonte: Blog Jornal Guarabira (2013).

A origem do Quilombo Caiana dos Crioulos permanece envolta em histórias diversas, indicativas de uma complexa relação entre memória e silêncio. Conforme observado pelas antropólogas Fortes (2015) e Fialho e Paiva (1998), no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território (RTID) da Comunidade, o silêncio sobre o passado talvez tenha sido a forma de “reexistir” dos antepassados, um recurso de resiliência para a construção de um “Outro-Novo” futuro. A mestra da cultura popular D. Edite do Coco, uma das moradoras mais antigas, reflete essa sabedoria ancestral ao comentar: “antigamente os pais não falavam com os filhos. Conversa de pai com filho era só pra trabalhar e rezar” (Fortes, 2015, p. 53).

Na ausência de registros documentais, o historiador José Avelar Freire (1996) levanta hipóteses sobre a fundação de Caiana no século XVIII, com negros/as vindos/as de Mamanguape que, após rebelarem-se contra a escravização, estabeleceram-se na área. Outra narrativa alude a refugiados do Quilombo de Palmares, trazendo traços de resistência e luta pela liberdade, e uma terceira aponta para um homem conhecido como “Caiana”, que teria oferecido terra e abrigo a recém-libertos/as durante o movimento Emancipador Areiense. Cada narrativa reflete a resiliência da Comunidade, construída pela memória coletiva e transmitida na oralidade dos mais velhos.

Em sintonia com Sahlins (1999),

(..) A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática (Sahlins, 1997, p. 7).

Logo, sua riqueza é alimentada e reconstituída em cada narrativa, garantindo a continuidade e o fortalecimento da identidade Quilombola no presente.

2. Etnoturismo em Caiana dos Crioulos (PB)

Reivindicações identitárias, muitas vezes vistas como essencialistas, refletem, segundo Woodward (2000), a ideia equivocada de uma identidade fixa, imutável, desconsiderando que identidades são, na verdade, relacionais e influenciadas por condições sociais e materiais, definindo-se por símbolos de diferença. No contexto de Comunidades rurais no Brejo paraibano, o deslocamento de homens para centros urbanos desde os anos 1950, intensificado pelo projeto modernizador do campo durante o regime militar (1964-1985), corroborou com o cenário no Quilombo de Caiana dos Crioulos, onde as mulheres permanecem no território, assumindo papéis de liderança nas esferas política, social e econômica, o que remete às lalodês da gestão da vida e do território (Werneck, 2009) e ao modelo Comunitário materno-centrado conforme o conceito mulherista de Hudson-Weems (2020). Essas Mulheres Quilombolas exercem um papel central na gestão do território e preservação da cultura, mantendo vivas as tradições e ampliando as fronteiras da Comunidade para além dos limites físicos, em uma dinâmica de corpos-territórios que, conforme Nascimento (1985), acompanham as mobilidades negras.

Diante desse cenário, as Mulheres de Caiana criaram o projeto Vivenciando Caiana em 2016, que busca não só valorizar a identidade étnica e fortalecer o território, mas também promover renda local, buscando reduzir a evasão de jovens que migram em busca de melhores oportunidades. A globalização, conforme Hall (2006), fomenta tanto novas identidades globais quanto uma atração pelas identidades locais, alimentando o mercado da diferença cultural. No entanto, Cuche (1999) alerta para o fetichismo da cultura alheia, que pode reforçar estigmas e privilegiar a identidade dominante, conduzindo a uma inclusão ou exclusão baseada na identidade cultural.

Como observa Cuche (1999, p. 202), o relevante é entender como e por que uma identidade é reivindicada em determinado contexto, mais do que definir quem pertence a ela. A necessidade de afirmação identitária é a luta pelo reconhecimento e garantia de direitos, o que Barth (*apud* Poutignat e Streiff-Fenart, 1998) descreve como uma organização social que não se apoia no isolamento, mas nas interações e nos processos de diferenciação.

Quando se fala de etnoturismo, enfatiza-se uma prática turística que busca valorizar o território, o patrimônio cultural e o fortalecimento da identidade étnica da Comunidade (Grunewald, 2003). Uma forma de pensar o turismo como estratégia e recurso para o desenvolvimento sustentável de tais Comunidades étnicas, onde o etnodesenvolvimento está como proposta para reorganizar sistemas econômicos e sociais, Comunitários, influenciando

inclusive na avaliação dos valores simbólicos e materiais de seus sistemas – onde o turismo auxilie no filtro do que vale a pena manter e o que pode ser omitido.

Considerando todos os pontos até aqui apresentados, soma-se ao projeto Vivenciando Caiana a característica de ser construído de forma colaborativa, valorizando os valores civilizatórios afro-brasileiros observados por Azoilda Trindade (2006), como corporeidade, circularidade, memória, comunitarismo, religiosidade, ancestralidade, musicalidade, ludicidade, energia vital/Axé e oralidade (Trindade, 2006).

Do ponto de vista metodológico, este estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, desenvolvida a partir do acompanhamento continuado do projeto Vivenciando Caiana entre os anos de 2021 e 2023. A pesquisa envolveu observação participante em atividades e reuniões do projeto, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas com pessoas da Comunidade e visitantes, buscando compreender as dinâmicas de interação, produção de sentidos e circulação de saberes no contexto do etnoturismo. As anotações de campo, aliadas às narrativas das interlocutoras e interlocutores, constituíram o principal corpus analítico, orientando a interpretação dos dados à luz das discussões teóricas mobilizadas ao longo do texto.

2.1 Breve histórico do Vivenciando Caiana

As idealizadoras do projeto contam que o turismo em Caiana já estava presente em atividade similar como a de receber e conduzir diversos pesquisadores/as pelo território, compartilhando suas histórias, saberes e tradições. A presença de tais pesquisadores/as, por vezes, se fazia necessária, tal como foi para o laudo antropológico exigido durante o processo de reconhecimento. Contudo, esses contatos nem sempre resultavam em benefício econômico e nem sempre geravam reciprocidade, como relata uma das organizadoras:

A gente já desenvolvia isso só que não era de forma remunerada, a gente recebia as pessoas na Comunidade desde as gerações anteriores dos nossos avós e bisavós, recebia o pessoal principalmente os pesquisadores, a gente acompanhava, reunia um grupo, uma equipe acompanhava eles nos trajetos da Comunidade, mostravam todos os nossos pontos históricos, levava pra comer nas nossas casas, preparava como um mini-vivenciando, um exemplo, mas só que nas casas das pessoas. E eles quando iam embora, na maioria das vezes ou 99%, não deixavam nem uma fotografia pra gente. (Luciene, 33 anos, 2022).

Esse “despertar” para a formatação do projeto, acolhendo turistas a partir de um valor de troca, aconteceu a partir de uma reunião com a gestão municipal de cultura, em 2015. Com as apresentações dos grupos de coco de roda e ciranda do Quilombo hoje ficaram conhecidos como Coco de Roda da Mestra Edite do Coco e Desencosta da Parede da Mestra Cida, durante

a “Rota cultural Caminhos do Frio”- um circuito regional pela região do Brejo paraibano que ocorre entre os meses de julho a setembro, desde o ano de 2006 no centro de Alagoa Grande (PB), os turistas e visitantes procuravam saber, junto à organização da gestão cultural municipal, como deveriam fazer para ir até o Quilombo, visitar a Comunidade.

Dessa forma, o secretário da cultura na época (2015), Eudes Vidal, propôs às lideranças do Quilombo pensarem juntos/as uma proposta atraente, que promovesse o turismo na Comunidade como uma alternativa e estratégia para a geração de renda, atendendo à demanda espontânea de turistas ávidos/as por conhecerem a cultura Quilombola. As lideranças reunidas com as demais mulheres conversaram sobre a ideia e entenderam que tal atividade poderia ser usada para a manutenção da permanência e continuidade dos/as Quilombolas no território, a partir da possibilidade de geração renda que aportaria à Comunidade, a partir do próprio território e de seus saberes, além da venda de artesanatos, comidas, lembrancinha e afins.

Nesse processo de elaboração e execução inicial, é importante ressaltar a relevância de um grupo autônomo que ficou conhecido como “Articulações Sociais de Alagoa Grande” e que, segundo as próprias lideranças, empenhava esforços para colocar ideias no âmbito do desenvolvimento social local em ação. O grupo, foi de fundamental importância para a realização do primeiro Vivenciando Caiana, em 2016, conforme afirma a atual coordenadora e fundadora do projeto, Luciene. Esse grupo de voluntários/as era composto por produtores/as culturais da região, bancários, professores/as, estudantes, entre outros/as simpatizantes das causas Quilombolas. Desde 2016, o Vivenciando Caiana existe oficialmente como proposta turística, já que antes disso, em 2015, foram feitas apenas algumas tentativas, sem a consolidação efetiva de uma proposta, o que só aconteceu em 2016. Contando com a colaboração das outras organizações e associações Comunitárias internas, tais como a Organização das Mulheres Negras de Caiana (OMNC) que foi fundada em 2005 como uma organização não governamental da sociedade civil, sem fins lucrativos. Segundo Lima e Aragão (2021), a OMNC atua nas articulações de políticas sociais e afins, na busca dos direitos, condições melhores e mais justas para toda a Comunidade Negra Quilombola, com destaque para a Mulher Negra Quilombola de Caiana. A Associação dos Moradores de Caiana, também compõe os apoios internos que corroboram em perspectivas e ações para a consolidação do projeto.

Em entrevista, a vice-presidente da OMNC, Elza, afirmou que participam formalmente cerca de 45 mulheres, a partir de 25 anos mas integram a organização também, sem cadastro, mulheres a partir dos 18 anos. A comissão organizadora é composta por 12 pessoas, de acordo com Luciene, em entrevista, são mulheres, com formações diversas: psicóloga, pedagoga,

agricultoras, técnicas de enfermagem, donas de casa, entre outras. Na comissão organizadora há apenas um homem, Tota, o professor de capoeira que, sob as perspectivas apresentadas no capítulo dois da dissertação de Santiago (2023), é também expressão de cuidado e cura (do feminino). Juntas, as lideranças de Caiana ao unirem política, território e identidade, enxergam no turismo proposto e construído a cada edição de forma coletiva, tal como elas destacam a construção e operacionalização do Vivenciando Caiana, um viés para o desenvolvimento, afirmação e valorização de sua cultura.

A interação entre pessoas da Comunidade com outros atores e agentes sociais externos, segundo Fredrik Barth (Poutignat; Streiff-Fenart, 1998), antropólogo norueguês, uma das principais referências nas ciências sociais sobre etnicidade, fortalece os elementos culturais ou as características entendidas como distintivas, usadas para identificar e marcar a identidade de um grupo étnico em relação aos outros grupos. O autor propõe observar a interação e organização social, ao invés de pensar o grupo apenas em suas características culturais internas, abrindo o debate sobre o que nomeou de fronteiras étnicas. Concluindo, que não é o isolamento que permite fortalecer as fronteiras, mas sim a inter-relação social que as potencializa, tal como o vínculo com o ambiente também exerce influências sobre essas Comunidades. As fronteiras étnicas assumem, portanto, o papel político, onde os atores categorizarão a si próprios e os “outros”, de acordo com elementos que estão em jogo.

Ao longo desses seis anos (2016-2022), o Vivenciando contou com quinze edições, a saber: quatro em 2016, três em 2017, duas em 2018 - incluindo o Tributo à “Marielle Franco”, três em 2019, incluindo o lançamento do livro Escravidão de Laurentino Gomes e o 1º Festival de Cultura Quilombola da Paraíba. Em 2020, o surto da pandemia viral da Covid-19 requereu a paralisação das atividades – mas de forma remota as integrantes do projeto conseguiram participar de cursos e aperfeiçoamentos online na área do turismo, com destaque para um projeto de Qualificação Nacional do Turismo do Ministério do Turismo (Mtur), em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a coordenação das professoras do curso de Turismo-UFPB, Dr^a Rosalma Diniz Araújo e Dr^a Fabiane Nagabe, e do professor Ms. André Gustavo da Silva, do Instituto Federal do Ceará, que viabilizaram um curso remoto de elaboração de projetos para as Comunidades Tradicionais, em conjunto com a ONG Maracá Cidadania.

Em 2021, com o progresso da vacinação e o cuidado com as precauções necessárias ainda em tempos de pandemia, a Comunidade retoma suas confraternizações, emblematicamente com a Batucada da Consciência Negra, no dia 20 de novembro de 2021 até o mês de outubro de 2022, ocorreram duas atividades no território: um mini-vivenciando e o

retorno oficial do Vivenciando Caiana dentro da programação cultural de Alagoa Grande, no “Roteiro Cultural: Caminhos do Frio 2022”.

3. Vivenciando Caiana e os valores afro-civilizatórios

Sobre os valores observados na elaboração e execução de cada edição do Vivenciando, a partir do que nos apresenta Azoilda Trindade (2006), entende-se que a “corporeidade”, como valor civilizatório afro-brasileiro, permite o elo de todos os demais valores. Desse modo, é ela que pode expressar, canalizar e disseminá-los - ou seja, o corpo está engajado em toda ação que a pessoa se dedique a executar, não sendo portanto possível desvinculá-lo.

A “circularidade” está compreendida na percepção cíclica do tempo, onde passado, presente e futuro estão interligados, em contraste com a visão linear do tempo em algumas culturas ocidentais. A presença de diferentes gerações que, a sua maneira, demonstram interagir com os saberes e tradições, elucidam, assim, esse valor durante o evento.

Figura 02 - Diferentes gerações presentes no Vivenciando *Caiana*



Fonte: Acervo da pesquisa (2022)

A “memória” busca a valorização e preservação da memória coletiva e da história, transmitida oralmente por gerações. Durante o evento está presente nas contações de história e em rodas de conversas, entre os/as Quilombolas e os/as visitantes, sobre como surgiu a Comunidade, as lições deixadas pelos antepassados sobre o uso de ervas, as rotinas no roçado e na casa de farinha, entre outras.

Figura 03 - Roda de conversa com D. Edite do Coco



Fonte: Acervo da pesquisa (2022)

O “comunitarismo” enfatiza a valorização da Comunidade, com relações baseadas em cooperação, reciprocidade e solidariedade, em contraposição ao individualismo. Está presente em diversos momentos no Vivenciando, incluindo na construção das barracas de venda, no preparo coletivo de cocadas e outros quitutes para determinada pessoa que está mais “precisada”, entre tantos outros momentos.

Figura 04 - Mulheres carregando barro para a construção do palhoção - valor comunitarismo



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

A “religiosidade” refere-se às práticas e crenças religiosas e espirituais, que assumem um papel central na vida e identidade cultural do grupo, mas também de cada pessoa. Durante o Vivenciando, D. Peca se coloca como disponível para benzer ou rezar a pessoa que desejar ou ainda para conversar sobre a tradição de benzer, além de haver apresentações de danças com referências à religiosidade afro-brasileira.

Figura 05 - D. Peca, rezadeira no Quilombo - valor religiosidade



Fonte: Acervo de pesquisa (2022).

Figura 06 - Apresentação da dança do Orixá Ossain - valor religiosidade



Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

A “ancestralidade” aparece como enaltecimento dos antepassados, respeito e reverência pelas “raízes culturais e saberes tradicionais”. No evento do Vivenciando pode ser notado a presença e lugar de destaque dado às mais velhas na hora de narrar as histórias, além do respeito e cuidado dos mais novos/as ao se dirigirem, às pessoas mais velhas. É possível ver crianças, jovens e adultos/as o tempo todo pedindo a bênção dos/as mais velhos/as. A capoeira também é entendida como ancestralidade.

Figura 07 - Toques da capoeira - valor ancestral



Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

A “musicalidade” tem um importante papel dentro da diversidade de expressões artísticas que estão presente em Caiana, os grupos de ciranda e coco de roda compõe as atrações do Vivenciando.

Figura 08 - Apresentação musical com coco e ciranda de Caiana



Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

A “ludicidade” é a ênfase no brincar, na criatividade e na expressão lúdica do cotidiano. No evento do Vivenciando todos/as são convidados/as a “brincar” o coco de roda, que é a forma como a Comunidade se refere a dançar.

Figura 091 - Visitantes e Quilombolas brincando de coco de roda



Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

A “energia vital (axé/ntu)” corresponde a energia da vida e/ou equilíbrio energético. Presente no Vivenciando, pode ser percebida/ sentida quando as pessoas se conectam entre elas e também com o território.

Figura 10 - Sementes da ervilha africana conhecida no Quilombo com Gandú



Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

A “oralidade” diz sobre o destaque e relevância da transmissão oral dos conhecimentos, tradições, histórias e valores compartilhados pelos/as mais velhos/as. Durante o Vivenciando Caiana, os saberes tradicionais e o cotidiano - de antigamente e do presente - são narrados não apenas pelas pessoas, mas também pela natureza e pelo território.

Figura 2 - Roda de conversa com Quilombolas



Fonte: Acervo da pesquisa (2022).

4. Considerações finais

O turismo tem o potencial de estreitar as fronteiras étnicas ao compartilhar vivências, mas também apresenta desafios. Questões como o descaso da gestão pública, a agenda sobrecarregada das lideranças e a gestão materno-centrada do território muitas vezes passam despercebidas pelos visitantes. Estudos sobre turismo em Comunidades Afrodescendentes na América Latina apontam para desafios semelhantes aos observados em Caiana, especialmente no que se refere à negociação entre visibilidade e exotização, bem como à necessidade de construção de narrativas próprias frente às demandas externas (Restrepo, 2004). As Mulheres de Caiana, engajadas na luta pelos direitos Coletivos ao território, participam da articulação com outros segmentos sociais dedicados aos direitos humanos, assumindo coordenações de organizações e associações. A participação em atividades Comunitárias, como o Vivenciando Caiana, a Organização de Mulheres Negras de Caiana e a Associação dos Moradores do Quilombo Caiana dos Crioulos, torna-se um instrumento importante para enfrentar e curar traumas, elevando a autoestima e denunciando violências.

A agência das Comunidades Tradicionais diante das decisões que afetam suas dinâmicas e perspectivas de longevidade no território é fundamental. Nesse sentido, o Vivenciando Caiana dialoga com outras iniciativas latino-americanas de turismo de base Comunitária, nas quais Povos Indígenas, Afrodescendentes e Comunidades Tradicionais mobilizam o turismo como estratégia de afirmação territorial, produção de renda e fortalecimento identitário. A partir da análise de algumas propostas turísticas de Comunidades rurais latino-americanas, Ruiz-Balesteros (2011) e Carlos Maldonado (2009) evidenciam como o turismo pode ser articulado a projetos políticos de autonomia e valorização cultural, ainda que tensionados pelas dinâmicas do mercado. O turismo é visto como uma ferramenta capaz de promover maior visibilidade às reivindicações do coletivo e arraigar aliados (Santiago, 2023). Cada visitante que chega ao território Quilombola deve sair como um aliado da luta pelos direitos Quilombolas e da luta antirracista.

A partir do trabalho etnográfico desenvolvido entre 2020-2023, Marina Santiago (2023) afirma que o etnoturismo em Caiana dos Crioulos busca valorizar o território, o patrimônio cultural e a identidade étnica da Comunidade, promovendo o desenvolvimento sustentável. O turismo auxilia no filtro do que vale a pena manter e o que pode ser omitido, influenciando na avaliação dos valores simbólicos e materiais dos sistemas Comunitários. Assim, a Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos protagoniza uma alternativa ao modelo universalista de desenvolvimento, operando em suas concepções e afirmando sua identidade étnica.

Ao se inserir nesse campo mais amplo, o caso de Caiana dos Crioulos contribui para os debates latino-americanos ao evidenciar o etnoturismo como prática política, educativa e de reexistência, ancorada em valores afro-civilizatórios e na luta por reconhecimento e direitos.

Referências

CUCHE, Dennys. Cultura e identidade. In: _____. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 175-202.

FIALHO, Vânia; PAIVA, Ricardo. *Relatório de Identificação Caiana dos Crioulos*. Projeto Mapeamento e Identificação das Áreas Remanescentes de Quilombos. Convênio Fundação Cultural Palmares/UFAL, Recife, 1998.

FORTES, Maria Ester P. *Relatório de Identificação e Delimitação da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos*. João Pessoa: Incra, 2015.

FREIRE, José Avelar. *Alagoa Grande: aspectos econômicos e fatos outros da sua história*. João Pessoa: Editora Ideia, 1996.

GRÜNEWALD, Rodrigo. de A. *Turismo e etnicidade*. Horizontes Antropológicos, 9(20), 141–159, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832003000200008> Acesso em: 20 set. 2024.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUDSON-WEEMS, Clenora. *Mulherismo Africana: Recuperando a nós mesmos*. São Paulo: Editora Ananse, 2020.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 25-44. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/-publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-de-base-comunitaria-diversidade-de-olhares-e-experiencias-brasileiras.pdf> Acesso em: 22 mar. 2026.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. Rio de Janeiro: Afrodiáspora, 1985. In: RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006, p. 117-125.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF- FENART. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

RESTREPO, Eduardo. *Teorías contemporáneas de la etnicidad: Stuart Hall y Michel Foucault*. Cali: Universidad del Cauca, 2004. Disponível em: <https://www.ram-wan.net/restrepo/documentos/hall-foucault-etnicidad.pdf> Acesso em: 22 mar. 2026.

RUIZ-BALLESTEROS, Esteban. Social-ecological resilience and community-based tourism: an approach from Agua Blanca, Ecuador. *Tourism Management*, v. 32, n. 3, p. 655-666, 2011.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

SANTIAGO, Marina Prado. *Mulheres quilombolas: a (auto)afirmação étnico-racial na comunidade de Caiana dos Crioulos*, PB. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 2023. Orientadora: Patrícia Alves Ramiro

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. *Proposta Pedagógica*, n. 22, nov. 2005, p. 30-36.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Vents d'Est, vents d'Ouest, édité par Christine Verschuur*, Graduate Institute Publications, 2009, DOI: <https://doi.org/10.4000/books.iheid.6316>. Acesso em: 27 dez. 2023.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: ____ SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn.

Los valores afro-civilizatorios y el etnoturismo en el Quilombo de Caiana dos Crioulos (PB): caminos en la educación para las relaciones étnico-raciales

Resumen

El coco de roda y la ciranda son expresiones de gran relevancia en la Comunidad Quilombola de Caiana dos Crioulos, ubicada en la zona rural del municipio de Alagoa Grande, a unos 122 km de la capital de Paraíba, João Pessoa – atrayendo tanto visitantes como investigadores académicos. En búsqueda de promover la valorización étnica y generar ingresos, las mujeres de Caiana crearon el proyecto de turismo "Vivenciando Caiana", iniciado en 2016. Este proyecto recibe a visitantes interesados en conocer la cultura Quilombola a través de actividades de ocio y cultura, realizadas a lo largo del año. Acompañando el proyecto por cerca de tres años (2021-2023), participando en sus reuniones y realizando entrevistas con las personas involucradas, ya sean autóctonas o visitantes, observo que esta propuesta se consolida como una oportunidad de educación para las relaciones étnico-raciales, promoviendo diálogos que confluyen con los valores civilizatorios afrobrasileños, al mismo tiempo que fortalece la red de aliados en defensa de los derechos Quilombolas y de la equidad racial.

Palabras clave: Etnoturismo; Quilombos; Relaciones étnico-raciales.

Les valeurs afro-civilisationnelles et l'ethnotourisme au Quilombo de Caiana dos Crioulos (PB): parcours en éducation pour les relations ethniques et raciales

Résumé

Le coco de roda et la ciranda sont des expressions de grande importance dans la Communauté Quilombola de Caiana dos Crioulos, située en zone rurale de la municipalité d'Alagoa Grande, à environ 122 km de la capitale de

la Paraíba, João Pessoa – attirant tant des visiteurs que des chercheurs académiques. Dans le but de promouvoir la valorisation ethnique et de générer des revenus, les femmes de Caiana ont créé le projet de tourisme "Vivenciando Caiana", lancé en 2016. Ce projet accueille des visiteurs intéressés à découvrir la culture Quilombola à travers des activités de loisirs et de culture, organisées tout au long de l'année. En suivant ce projet pendant environ trois ans (2021-2023), en participant aux réunions et en réalisant des entretiens avec les personnes impliquées, qu'elles soient autochtones ou visiteurs, j'observe que cette initiative se consolide comme une opportunité d'éducation pour les relations ethniques et raciales, promouvant des dialogues qui convergent avec les valeurs civilisationnelles afro-brésiliennes tout en renforçant le réseau d'alliés en défense des droits des Quilombolas et de l'équité raciale.

Mots-clés : Ethnotourisme ; Quilombos ; Relations ethniques et raciales.

Afro-civilizational values and ethnotourism in the Quilombo of Caiana dos Crioulos (PB): pathways in education for ethnic-racial relations.

Abstract

Coco de roda and ciranda are prominent cultural expressions in the Quilombola Community of Caiana dos Crioulos, located in the rural area of Alagoa Grande, about 122 km from the Paraíba state capital, João Pessoa. These traditions attract both visitors and academic researchers. Aiming to foster ethnic appreciation and generate income, the women of Caiana created the tourism project "Vivenciando Caiana" in 2016. The project welcomes visitors interested in experiencing Quilombola culture through activities centered on leisure and culture, held throughout the year. Observing the project for approximately three years (2021-2023), participating in meetings and conducting interviews with both locals and visitors, I find that the project establishes itself as an opportunity for education on ethnic-racial relations. It promotes dialogues that align with Afro-Brazilian civilizational values while strengthening a network of allies in support of Quilombola rights and racial equity.

Keywords: Ethnotourism; Quilombos; Ethnic-racial relations.